Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 163 - 176, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v16i31.11389

LITERATURA DE VIAGEM:
Desvelando paisagens sedutoras e territórios fantásticos

TRAVEL LITERATURE UNRAVELLING SEDUCTIVE LANDSCAPES AND FANTASTIC TERRITORIES

LITTERATURE DE VOYAGE DÉVOILANT PAYSAGES SÉDUISANTES ET TERRITOIRES FANTASTIQUES

Maria Geralda de Almeida - UFG

RESUMO

Neste artigo busco apresentar a literatura específica daqueles que viajam e se preocupam em compartilhar suas experiências pela narração do maravilhoso e do exótico para criar e afirmar lugares como dignos de serem lembrados e visitados. Em destaque, o viajante-narrador Colin Thubron (2017), com suas metáforas, seu imaginário. Há uma complexidade entre Geografia e Literatura que se ilustra com fragmentos do livro *A sombra da Rota da Seda*, narrada pelo autor, evidenciando paisagens e territórios. O artigo contempla: a arte de narrar a viagem, o escritor-viajante diante do espaço real, a literatura da sedução nos livros de viagem, narrativas de espaços e espaços narrados em *A sombra da Rota da Seda*, e fim da viagem. Conclui-se que nas literaturas de viagens revelam-se diferentes cosmologias, ideologias, percepções das estruturas sociais, culturais, econômicas dos territórios e das paisagens no contexto de suas obras e invisibilizados nos textos geográficos.

Palavras-chave: Geografia literária; Imagotípico; Literatura; Imaginário.

ABSTRACT

In this essay, I intend to present the literature specific of those who travel and have concerns in sharing their experiences by narrating the wonderful and exotic to create and affirm places that are worthy of memory and visiting. It highlights the traveler-narrator Colin Thubron (2017), with his particular metaphors and imaginary. There is a geographical and literary complexity illustrated by his book *Shadow of the Silk Road*, narrated by the author as to put into evidence landscapes and territories. The essay contemplates: the art of travel narrative, the author-traveler before a real space, seductive literature in travel novels, spaces of narrative and narrated spaces in *Shadow of the Silk Road* and, end of the trip. It concludes that in travel literature there are different cosmologies, ideologies, perception of social, cultural and economic structures of territories and places in the context of novels and invisible to geographical texts.

Keywords: Literary Geography; imagology; Literature; Imaginary.

RÉSUMÉ

Dans cet article, je cherche à présenter la littérature spécifique de ceux qui voyagent et qui souhaitent partager leurs expériences en racontant le merveilleux et l'exotique pour créer et affirmer des lieux qui méritent d'être rappelés et visités. En évidence, le narrateur-voyageur Colin Thubron (2017), avec ses métaphores, son imaginaire. Il existe une complexité entre la géographie et la littérature qui est illustrée par des fragments du livre L'ombre de la Route de la Soie, raconté par l'auteur, montrant des paysages et des territoires. L'article contemple: l'art de raconter le voyage, l'écrivain voyageur face à l'espace réel, la littérature de séduction dans les livres de voyage, les récits d'espaces et d'espaces narrés dans L'Ombre de la Route de la Soie, et la fin du voyage. On en conclut que dans la littérature du voyage, différentes cosmologies, idéologies, perceptions des structures sociales, culturelles, économiques des territoires et des paysages sont révélées dans le contexte de leurs œuvres et invisibles dans les textes géographiques.

Mots-clés: Géographie littéraire; Imagotypique; Littérature; Imaginaire.

> No início dos anos 1960, Montes Claros, no norte de Minas Gerais, madornava na típica pacatez da maioria das cidades pequenas do Brasil Central. A chegada de ciganos e de circos mambembes com seus velhos caminhões barulhentos animava por alguns dias o lugar. E eu sonhava em ser raptada pelos ciganos – temor maior das famílias – ou" adotada" no circo para, naquela maneira, viajar. Como eles percorreria o Brasil sem destino certo, de norte a sul. Iria varar o mundo Brasil. MGA

Sentidos e significados da viagem

O gênero literatura de viagem existe porque há a viagem. Viajar configura-se um projeto pessoal, desejando reencontrar uma idealizada experiência da aventura atribuída pelo imaginário e pelo espírito romântico, este, quiçá, uma herança dos viajantes do passado. Vivemos nossas viagens como queremos vivê-las ou como nosso *esprit de jour* nos leva a fazê-lo. É por essa razão que o objetivo da viagem, uma vez realizado, perde sua importância. Vários motivos podem levar uma pessoa a viajar. A internet é farta em *sites* de pessoas que viajam, de pessoas que vendem viagens, de pessoas que compartilham suas experiências viajando, de outras que fazem suas viagens imaginárias...

Cada viajante leva consigo sua carga pessoal de emoções que, no trajeto, nos lugares visitados, elas podem posteriormente relatar diante do encantamento das paisagens. A viagem se enriquece pelas imagens e experiência da vida daqueles que habitam os lugares e compõem as imagens. Esse cenário torna-se propriedade de quem o visita, que se surpreende e encanta por ele, atribuindo adjetivos qualitativos enaltecedores.

Essa necessidade de se situar como viajante e universalizar o "tenho-o-que-dizer–sobre-este-lugar" explica-se por diversos motivos psicológicos, sociais, que não pretendo discutir neste texto. *Grosso modo* saliento que os mais deslumbrados destacam as emoções incríveis, uma vez que viajar é a oportunidade de conhecer lugares ímpares, insólitos, que proporcionam novas descobertas e emoções inesquecíveis. Além disso, as viagens de lazer e turismo são formas de criar rupturas com o trabalho e a rotina...

Sem dúvida, as viagens enriquecem culturalmente, alargam os horizontes e fortalecem nossa imaginação pelas imagens que seduzem. Elas permitem abrir coração e mente ao ver culturas e modos de vida diversos ou similares aos que tenho, em territórios atraentes. É esse contato que se torna inesquecível e permite, por breve que seja, uma experiência cultural preciosa, de um mundo diverso a que eu pertenço e vivo.

Neste artigo busco apresentar a literatura específica daqueles que viajaram e se preocuparam em compartilhar suas experiências pela narração do maravilhoso e do exótico, visando criar e afirmar uma dada condição de lugares como dignos de serem visitados. Em destaque, portanto, o viajante-narrador, com suas metáforas, seu imaginário. Miguel Sanches Neto (2005, p. 7) nos apresenta um entendimento particular da narrativa com a qual os viajantes partilham suas viagens:

> Em certo sentido, a função de toda viagem é mesmo gerar narrativas, pois a mudança de território nos coloca em confronto com uma realidade nova (para nós). Vemos tudo como se fosse a primeira vez, sentindo encanto ou estranhamento, estados que nos levam a querer organizar as descobertas em relato. Que pode virar uma conversa entre amigos ou texto literário. O fato é que há uma relação de causa e efeito entre viajar e narrar.

As considerações de Sanches Neto enfatizam o aspecto do posicionamento que se assume, no momento do deslocamento espacial, diante de uma nova realidade cultural, a alteridade que causa desconforto ou surpresa e, consequentemente, gera a vontade de apresentar essa realidade a pessoas que não tiveram ainda a oportunidade de conhecê-la.

Literatura de viagem é um gênero no qual se entrelaçam literatura, Geografia e turismo, e alguns autores, afortunadamente, conseguem literarizar o seu texto. Faz-se um texto literário. Neste artigo apresento essa complexidade ainda que brevemente, ilustrando com fragmentos do livro *A sombra da Rota da Seda*, narrada por Colin Thubron (2017). Explorando

tempos do passado e do presente, Thubron nos leva para paisagens sedutoras e territórios fantásticos de sua experiência viajeira por essa Rota.

A arte de narrar viagens

Cristóvão (2002) considera a literatura de viagens como um subgênero literário, no sentido de esta ser uma modalidade interdisciplinar, do gênero narrativo, que ele assim conceitua:

> Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem, pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã. (Cristóvão, 2000, p. 35). Adequar ABNT – Revisar no texto todo

Nessas considerações de Cristóvão identificamos elementos básicos que permitem reconhecer limites e características da literatura de viagens. Até o século XIX ela resultava da escassez do deslocamento. As viagens constituíam novidade e a literatura de viagens era um raro testemunho propiciador de experiências de deslumbramento para viajantes e destinatários de seus relatos, que também incluíam graus de efabulação.

Já Ribeiro (2017) define a narrativa de viagem como um gênero que caminha entre o relato não ficcional e a ficção e que abarca interesses específicos. Estes, de acordo com o contexto histórico, como por exemplo o que se deu no momento das grandes navegações com o surgimento do Novo Mundo e no decorrer do século XX com a curiosidade despertada pelo regime político implementado na União Soviética.

Em "Para uma teoria da literatura de viagens", Cristóvão (2017) considera que desde a modernização a literatura de viagem perde sua importância. Com o aparecimento de novas tecnologias multiplicam-se as possibilidades de reprodução de imagens e narrativas, tais como a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet. Também, com as facilidades de transportes uma parcela expressiva da população pode ir a qualquer parte; o turismo expande. Diminui-se, assim, a expectativa pela narração do maravilhoso e do exótico, próprios de um tempo em que a viagem era rara. Somos constantemente bombardeados pela difusão de imagens que visam criar e afirmar determinados lugares como turísticos e direcionar o olhar do potencial turista para seus atrativos.

Os textos de literatura de viagens são interdisciplinares, pois se entrecruzam com a História, a Geografia, a Antropologia e a ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro, em subgêneros. Ao longo da história, escritores-viajantes têm interesses específicos de determinados povos e lugares, despertando a curiosidade de narradores: aspectos culturais, artísticos, políticos, econômicos. Essas particularidades fizeram com que vários escritores registrassem suas impressões diferentemente sobre um mesmo lugar. São textos que se distinguem daqueles de guias de viagens, por serem elaborados com rigor, estilo, metáforas e poética, buscando uma qualidade literária.

A despeito da anunciada morte das narrativas de viagem feita por Cristóvão, a contínua publicação de livros desse gênero revela que a literatura de viagens continua bastante fecunda. Contemporaneamente, alguns viajantes-escritores destinam-se a um determinado público. Exemplifico, além do já citado *A sombra da Rota da Seda*, com os seguintes: *A arte da peregrinação para o viajante em busca do que lhe é sagrado,* de Phil Cousineau (1999), *Lugares distantes, de* Andrew Salomon (2018), que "relata suas histórias de viagem e sobre 83 países do mundo – e também sobre o próprio ato de viajar e conhecer novas culturas. Cabe ainda destacar Paul Theroux, um dos mais aclamados escritores sobre viagens, com *O comboio fantasma para o Oriente*, e *A arte da viagem*: *iluminações de vidas nas estradas* (2011). Portanto, a literatura de viagem permanece como resultante da singularidade de um olhar sobre ex-

periências em outros espaços, buscando uma forma expressiva na linguagem graças a um trabalho de seleção e de transfiguração da memória.

Em alguns textos narrativos não se menciona um lugar geográfico específico. Contudo, a maioria dos relatos literários tornam-se geográficos e fazem menções a cidades, povoados, vales rios e montanhas etc., nos quais se desenrolam as vidas, as histórias dos personagens. Suas existências na trama narrada são fundamentais, já que tratando de viagens se trata da experiência do lugar ou o lugar da experiência. Refere-se à relação homem-espaço, como menciona Vara (2010, p. 131): "*relación entre Literatura y Geografía, entendida como relación entre ser humano y paisaje*". E as paisagens, como bem expressa Cosgrove (2012, p. 324), "possuem significados simbólicos porque é o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem".

O exemplo dessa experiência do lugar são os vários livros de Jorge Amado, evidenciando a vida de Salvador, de Ilhéus, a região do cacau, do mar, com *Dona Flor e seus dois maridos; Gabriela, cravo e canela; Mar morto; Cacau,* bem como *Don Quijote de la Mancha*, que nos apresenta diversas aventuras que acontecem neste lugar da Espanha, de "cuyo nombre" nem o mesmo Cervantes queria recordar-se. Em resumo, existem lugares "não reais", alguns são realmente inventados – neste caso, fictícios, imaginários ou simbólicos.

As viagens imaginárias são próximas ao gênero de literatura de viagem. E Cristóvão cita como exemplo *As viagens de Gulliver* (1722), de J. Swift, a que poderíamos acrescentar *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino (1972). Assim Cristóvão (2002, p. 51) trata da distinção entre a viagem real e a imaginária: tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso "que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos de ficção. Mas respeitando uma diferença fundamental: na narrativa da viagem real, a estrutura assenta na verdade ou na verossimilhança, sendo os elementos imaginários meros ornatos", como veremos em A *sombra da Rota da Seda*, de Colin Thubron (2017). Na narrativa da viagem imaginária, é ao real que cabe o papel de ornamento.

E quanto à paisagem, esta se percebe, experimenta e vivencia de diferentes formas: sentimentos topofílicos ou topofóbicos estão presentes nas narrativas de viagens. Quando um autor descreve em seu texto uma variedade de cenários espaciais como o faz Garcia Márquez em *O amor em tempos de cólera*, basta um mapa para o leitor recorrer aos lugares por onde se leva a cabo a novela: Valledupar, Riohacha, Puerto Nare, Santa Marta. Não há necessidade de Garcia Márquez nem o leitor terem estado em tais lugares para terem sensações de experiências com os lugares da trama romanesca da novela.

As paisagens geográficas onde ocorrem as ações, as experiências dos personagens, reais ou fictícios, são imagens construídas, fundamentalmente, com a força e o poder da afetividade.

A cada página de muitos gêneros literários nos encontramos diante de novas experiências relacionadas às paisagens geográficas, que nos trazem a revelação de um universo de novas percepções. Portanto, o estudo das relações entre a Geografia e a Literatura amplia-se quando analisamos as paisagens geográficas por meio dos filtros perceptivos, do estilo, da habilidade de comunicação das experiências ambientais dos escritores mediante seus personagens, que refletem ou evocam, em muitos casos, imagens e percepções de suas próprias vivências.

Se tomamos como objeto de reflexão as narrativas de viagens, é preciso admitir que elas são, incontestavelmente, espaços discursivos fecundos para a análise espacial. Mesmo com a globalização e os paradigmas conceituais revisados, e a crença de Cristóvão de que se trata de gênero que estaria fadado à desaparição, Westphal (2007, p. 46) destaca:

> No entanto, continuamos a escrever e a descrever os espaços. A despeito do crescimento do conceito de exotismo, a narrativa de viagem se perpetuou. Talvez ela mesmo continuou a se reafirmar. O viajante não se fecha mais no único espetáculo sensível do mundo. Ele se dá conta da qualidade abstrata dos espaços percorridos. Ele instaura uma profunda reflexão sobre a natureza dos espaços humanos.

Portanto, a narrativa dos múltiplos espaços resulta do mergulho nas facetas dos diversos espetáculos sensíveis dos mundos percorridos. Uma das características da literatura de viagem, de uma maneira geral, está fundada sobre a difícil evicção do texto de seu autor,

pois a narrativa se elabora por meio de uma experiência do espaço e a representação dessa experiência que, para Outeirinho (2015, p. 153), é "*la littérature de voyage présente une lecture du monde et la clé de lecture de ce voyageur-narrateur particulier*".

Este espaço, no qual se faz experiência, é um espaço investido de um duplo imaginário: um imaginário coletivo e um imaginário individual. Eles se entrecruzam; daí a pregnância de uma abordagem imagológica, nas palavras de Outeirinho (2015), em face da presença intensa de imagens refletindo as construções identitárias relativas ao sujeito textual. Acerca dos textos imagotípicos, Pageaux (1995) esclarece que são, em grande parte, programados, alguns deles codificados e decodificáveis quase imediatamente pelo público-leitor. Suas consequências, portanto, ocorrem na recepção.

A literatura da sedução nos livros de viagem

Na literatura de viagem o texto atribui uma centralidade essencial ao leitor. Ele se dirige explicitamente a ele, produz comentários e explicações que lhes são destinadas, reveladoras de um vivido e uma herança cultural compartilhada, geralmente o texto estando coalhado de inúmeros marcamentos ilocutórios. A experiência é relatada com o propósito de compartir. De fato, o leitor espera sua reação, seu interesse pela narrativa que se quer singular, dando voz a uma cartografia pessoal do escritor, uma egogeografia, conforme Collot (2014).

No que nos escreve, o autor faz um pacto da verdade e o processo de ficcionalização, no qual, ele, o narrador-viajante, se compromete a narrar uma viagem real, embora insira na narrativa um certo grau de ficção com alguns personagens ou trechos. Thubron (2017), por exemplo, narra reencontros com personagens de sua passagem anterior, ocorrida doze anos antes, diálogos com diversos homens e mulheres recém-conhecidos que, em breves encontros, confidenciam-lhe histórias de vida, esperanças e decepções. Ganham singularidade humana pseudorretratos de gentes que dão vida em A *sombra da Rota da Seda.*

A construção da narrativa de Thubron baseia-se em referências que remetem à construção prévia de um imaginário sobre os lugares por onde depois viajou, à intertextualidade e à efabulação que se entretecem nos registros das experiências de viagens. De fato, a literatura de viagem, tal como em A *sombra da Rota da Seda* está ancorada sobre a percepção do lugar e sobre sua intelecção, uma dimensão referencial e uma dimensão do imaginário se entrelaçando e permitindo uma definição da poética do gênero seja a partir de, seja sobre tal articulação.

Ribeiro (2017) argumenta que, em relação ao gênero narrativa de viagem, uma infinidade de questões é problematizada, das quais serão citadas apenas as mais imediatas. Para iniciar, ele cita o próprio conceito do referido gênero: como definir de modo objetivo e fechado o que é uma narrativa de viagem, dada a diversidade e complexidade das obras que são inseridas nesse gênero? Pode-se considerar uma narrativa de viagem um texto ficcional, ou só se podem considerar relatos não ficcionais? E, sendo a narrativa um relato não ficcional, até que ponto o narrador pode recriar a situação, pode fazer uso da imaginação? Nesse tipo de texto, pode-se entender que não ocorre a distinção-tabu da teoria literária entre autor e narrador?

Diante de uma paisagem supostamente real, o escritor tem liberdade para abordá-la de modo parcial e recriá-la a sua maneira. Pois no gênero literatura de viagem o que conta, o que os torna objetos literários, não é apenas o relato da realidade objetiva. O que conta, também, é a forma como o autor-narrador-personagem se posiciona diante do mundo, diante, no caso específico da narrativa de viagem, do estrangeiro, que se apresenta como uma outra cultura. Essa cultura pode alterar – ampliar, flexibilizar – a visão de mundo do autor; ou reforça seus preconceitos.

Portanto, em face do exposto, percebe-se que a narrativa de viagem, texto que pode ser considerado esteticamente literário, ocupa uma zona fronteiriça entre a imaginação e a realidade.

Cabe retomar a distinção já feita por mim (Almeida, 2018) sobre o que se entende por geografia literária e geografia da literatura. *Grosso modo*, para Brosseau (2002) a geografia da literatura se interessa pelo contexto da produção da obra, melhor dizendo, o que se encontra

hors-texte, tanto a montante (condições de produção da escrita) como a jusante (divulgação, repercussão no meio acadêmico e do mercado, comercialização, prêmios...). Já a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas, e até o aspecto social é incorporado.

Brosseau (2014, p. 420) ressalta que os encontros entre Geografia e Literatura revelam "*le potentiel heuristique et épistémologique des conceptions de l'imaginaire qui en font un médiateur privilégié pour réfléchir aux rapports complexes entre un sujet-écrivain et ses lieux, entre culture et territoire, entre savoir géographique et connaissance littéraire*". Na literatura de viagem, destaca-se ser uma distinção feita a um dado espaço que atraiu a atenção e, criticamente, é revelada ao mundo. Collot (2011) faz uma proposta interessante para as variações genéricas dessa literatura oscilantes entre *facto e fictum*.

De acordo com esse autor, para uma melhor integração da dimensão espacial nos estudos literários, a literatura de viagem poderia declinar diferentes questões com base em uma geografia da literatura, sobre uma geocrítica e/ou sobre uma geopoética. Collot se inspira na proposta crítica desenvolvida por Bertrand Westphal (2006, p. 8), para quem a geocrítica se define como "*approche littéraire (ou interartistique) de la représentation des espaces humains*". Esse autor posteriormente completou: "A geocrítica se vincula, prioritariamente, à abordagem do lugar" (Westphal, 2007, p. 17).

Nas palavras de Outeirinho (2015, p. 15), "*ces approches permettant de redéfinir un champ de recherche souvent dévalorisé et frappé de suspicion*". Essa autora ressalta a literatura de viagem como uma prática híbrida, de fronteiras porosas que demanda ser abordada por um olhar interdisciplinar e sincrético que uma geografia literária permite integrar, conforme Collot (2014, p. 97), mesmo se sua dificuldade "*réside […] dans l'équilibre à maintenir et dans l'articulation à établir entre l'intérieur et l'extérieur, l'imaginaire et le réel, l'écriture et l'expérience*".

O escritor-viajante diante do espaço real

O prazer pelas viagens e compartilhamento de experiências viajeiras levou Colin Thubron a escrever mais de quinze livros, principalmente sobre a Ásia Central, Rússia e China. Ele é colaborador da *The New York Review of Books*, do *Times*, do *Times Literary Supplement* e do *New York Times*. Seus livros foram traduzidos para mais de vinte idiomas. Após cinco décadas como escritor e romancista de viagens, Thubron, 79 anos, recebeu o Edward Stanford Award 2019, por sua excelente contribuição à escrita de viagens em Mayfair, Londres.

Os livros de viagem de Thubron começaram a chamar a atenção em 1967, com *Espelho de Damasco*. Posteriormente, produziu *Entre os russos, Na Sibéria, A sombra da Rota da Seda* (2006, e publicado no Brasil em 2017).

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objeto por vezes privilegiado da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. "Ele é assim narrador, actor, experimentador e objecto da experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário" (Machado; Pageaux, 1988, p. 34).

Em sua obra, inúmeros trechos evidenciam a tentativa de aproximação e de compreensão da cultura do outro na Rota percorrida. Convém ressaltar que Thubron já havia realizado o trajeto da Rota da Seda doze anos antes. Seu domínio das línguas mandarim e russo é útil para se comunicar ao longo do trajeto, em cujo retorno ele objetiva melhor conhecimento da Rota da Seda, o que se concretiza e se fixa em escrita. É evidente que Thubron quer, em *A sombra da Rota da Seda,* o escrever destinando ao outro, longe de ser um mero relato linear que registra aspectos da cultura estrangeira. Ele os transfigura literariamente, fundindo aspectos da crônica, da poesia, do relato de viagem e da efabulação ficcional, além de conter densa, mas comumente elíptica ou alusiva, carga de referências intertextuais, uma das características mais expressivas na literatura de viagem.

O escritor-viajante põe em evidência mais as funções poética e emotiva da linguagem que, propriamente, a referencial, cujo papel era muito mais significativo na literatura de viagens tradicional, tal como entendida por Cristóvão. Além disso, a singularidade do olhar do escritor-viajante pode desencadear referências intertextuais sobre o espaço visitado, adensando a carga semântica do texto. Esses relatos preservam os três fatores assinalados por Cristóvão (2002, p. 29), que, conjugados, seriam responsáveis pelo interesse e o encanto das narrativas de viagem: "a longa distância, a novidade encontrada, o reduzidíssimo número de testemunhas".

A Rota da Seda, efetivamente, é uma rede que cobre uma distância aproximada de 7 mil quilômetros, mas Thubron considera como sendo 11 mil quilômetros desde a cidade Xi´an, na China, até o Mediterrâneo. Vias de comunicação terrestres e marítimas percorridas desde a Antiguidade aproximavam as distantes terras do Oriente e do Ocidente (figura 1).

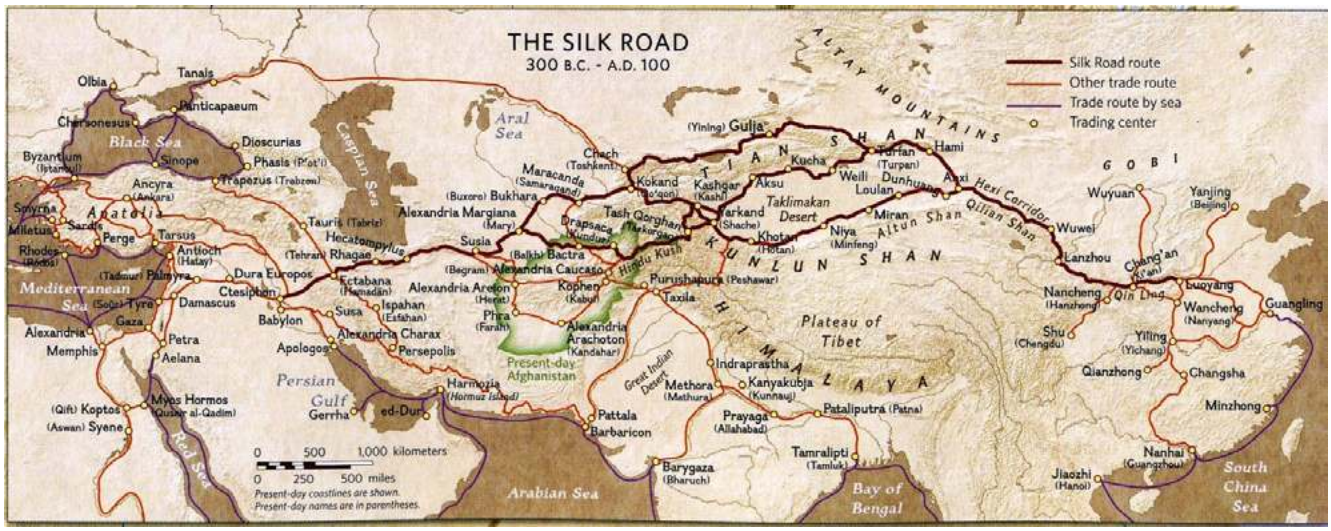


Figura 1: A rota da Seda
Fonte: disponível em: https://pin.it/4xNrgfw. Acesso em 26/03/2020.

Na prática, as caravanas faziam somente trechos desse percurso. Cidades na Ásia Central se especializaram como importantes locais de trocas comerciais entre o Ocidente e o Oriente. Conhecidas como cidades caravançarás, acolhiam as caravanas com suas preciosas mercadorias. Ali aconteciam seus repousos dos dias de deslocamentos, suas trocas, vendas e compras de especiarias, pedras preciosas, tecidos de seda e de algodão para destinos mais longínquos. Essa Rota é ligada às rotas de incenso, de marfim e de especiarias. Sem dúvida a Rota da Seda colocou em contato povos e civilizações diferentes que, além de trocas comerciais, realizaram intercâmbios filosóficos, científicos, religiosos, culturais, técnicos e estéticos.

O geógrafo alemão Ferdinand Von Richthofen foi o responsável pela nomeação de Rota da Seda. A descoberta, no século XX, de locais de templos budistas e a chegada nos museus ocidentais de documentos e diversas relíquias provenientes dos locais da Rota da Seda contribuíram para despertar o interesse turístico. Atualmente, os vestígios materiais em diversas cidades, os raros testemunhos escritos e o imaginário passam a atrair frequentes viagens organizadas por empresas alemã, inglesa, norte-americana e asiática.

As caravanas, com suas centenas, milhares de animais como cavalos, asnos, mulas, iaques, camelos e dromedários percorriam constantemente vastos espaços de desertos, estepes, montanhas no verão e inverno, gargantas, acompanhando rios, cruzando com povos distintos e diversos, até seus destinos. A China exportava para Roma produtos como peles, ferro, laca, chás e a canela, mas 90% do exportado era a seda. As caravanas da Ásia Central transportavam joias, perolas, lápis-lazúli, especiarias, chás e resinas além de cavalos. Em troca, os romanos exportavam vinho, papiros, lã, linho, coral, amianto, âmbar, bronze, lâmpadas e vidros. É a Índia que fornece ao Ocidente animais exóticos, escravos, peles, cachemira e algodão. Saindo da China, essas caravanas poderiam levar até um ano para chegar à Pérsia, e diversas localidades surgiram e funcionavam como entreposto comercial, pousos, destinos

para animais, mercadores e o que transportavam. São os caravançarás do presente.

Por séculos, a Rota ligou o Oriente e o Ocidente. Com as navegações no século XV, vias marítimas assumem o comércio entre eles, incorporando outros produtos exóticos como chá e porcelana, e com o tempo são essas vias marítimas a dominarem, dando privilégio às potências ocidentais. Atualmente é uma Rota, essencialmente, de turismo. Thubron nos leva por ela em sua narrativa colorida, em viagem geralmente em trens, heranças do período em que tais países pertenceram à antiga União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, ou em rodovias precárias atravessando planícies, desertos, montanhas, lugarejos, ruelas, mesquitas, madraçais, caravanaçarás, templos do presente com relatos pejados de séculos.

É possível encontrar, principalmente em textos de escritores-viajantes, um viés poético que os torna capazes de provocar o deslumbramento no leitor, não tanto pela novidade das referências imediatas, ou da efabulação construída por meio delas, mas pela força lírica que o olhar sensível e inteligente transmite. Força lírica essa perceptível no poder que o texto tem de provocar certo estranhamento no leitor, por meio dos recursos de linguagem com que o autor transfigura e plasma sua experiência de viagem – real ou imaginária –, tais como intensificação de sonoridades, metáforas, metonímias, sinestesias, antíteses, personificações, elipses, ironias.

Narrativas de espaços e espaços narrados em *A sombra da Rota da Seda*

Brosseau (2015) ressalta que ele concebe mesmo existirem diferenciações em como a Geografia e a Literatura dialogam: 1) uma geografia literária que se debruça sobre a representação dos lugares na literatura; 2) uma reflexão sobre o discurso, o que levou a uma literarização parcial do discurso com base na crítica literária; 3) uma poética geográfica para reencantar nossa relação ao mundo, à natureza, à paisagem e ao território.

Território é um conceito polissêmico, com diversos geógrafos contribuindo com suas reflexões. Para exemplificar, apresento alguns autores. Haesbaert (2012, p. 96), ao se respaldar em Lefebvre, demonstra que a dimensão do território "vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica". Para tanto, essa dimensão só é revelada pelas relações de interesses unívocas aos indivíduos que os constituem, "e dependem da dinâmica de poder e das estratégias que estão em jogo". Territórios existem e são construídos seja em grande escala ou microescala porque o que os determina como território é ser um espaço relacional, como define Raffestin (1993). Almeida (2005) já considerava que, além de relacional, o território tem uma dimensão objetiva e outra subjetiva a serem consideradas na sua análise. Na dimensão mais subjetiva se propõe denominar de apropriação ou mesmo, em alguns casos, de identidade territorial; e a dimensão mais objetiva, denominada de dominação do espaço, realizada por ação político-econômica.

De uma maneira geral, os geógrafos concordam que o território é uma construção histórica, social, por intermédio das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, simultaneamente, sociedade e espaço geográfico.

Com esse entendimento, Dupuy e Puyo (2014, p. 22-23) nos alertam que a realidade do espaço geográfico não se reduz somente aos elementos que tomamos "*objetivement conscience*"; esse espaço é constituído igualmente, e sobretudo, "*cesdifférentes représentations, ces différents filtres imaginaires qui sont constitutifs de notre rapport au monde*".

No que tange à paisagem, Brosseau e Cambron (2003, p. 527), em um diálogo de compartilhamentos sobre a Geografia e Literatura, observavam que não era apenas na descrição da paisagem que a dimensão espacial se presentificava no texto, uma vez que "*le choix des métaphores, le réseau des images contribuent à circonscrire l'espace, à définir la configuration d'un univers de référence*".

A complexidade das relações das sociedades aos territórios pode ser apreendida pelo viés do imaginário geográfico. O mundo é também pensado por meio de imagens que participam de sua leitura, de sua recomposição e de sua recriação. Ora, a literatura constitui

uma dessas mediações privilegiadas que unem sujeito e espaço/território. Dupuy e Puyo (2014) consideram que o imaginário geográfico religa Homem ao seu ambiente: ele permite atingir realidades inexploradas dos territórios e aí desvelar sentidos escondidos. Para esses autores é oportuno submeter o imaginário geográfico aos demais interessados pela geografia, línguas e pelos textos literários.

Dupuy e Puyo argumentam que se geografia e literatura se aproximam pelo viés do imaginário é no coração de uma verdadeira geografia literária que se supõem as abordagens fundamentalmente interdisciplinares do espaço e de seus escritos. O imaginário geográfico desenha geografias imaginárias e romanescas ao seio das quais sujeito, território e narrativa entram em ressonância, se reconstroem e revelam novas facetas de nossa relação ao mundo. Essas reflexões elaboradas no século XXI não estão distantes daquelas feitas vinte anos antes por Pageaux (1995, p. 85): "*L'imaginaire est ce qui donne forme, contenu et expression au réel*". Ele nos ajuda a parcialmente compreender a poética presente na literatura de viagem.

Viajemos, portanto, com Thubron por *A sombra da Rota da Seda* (figura 2). Tenho em mente que na sua narrativa ele nos apresenta suas conversas com as paisagens. Estas dizem de maneira muito eloquente sobre sua história e sua herança por meio das rugosidades, de determinados processos de transformação, tais como a criação, a destruição e a reconstrução dos seus espaços e/ou lugares.

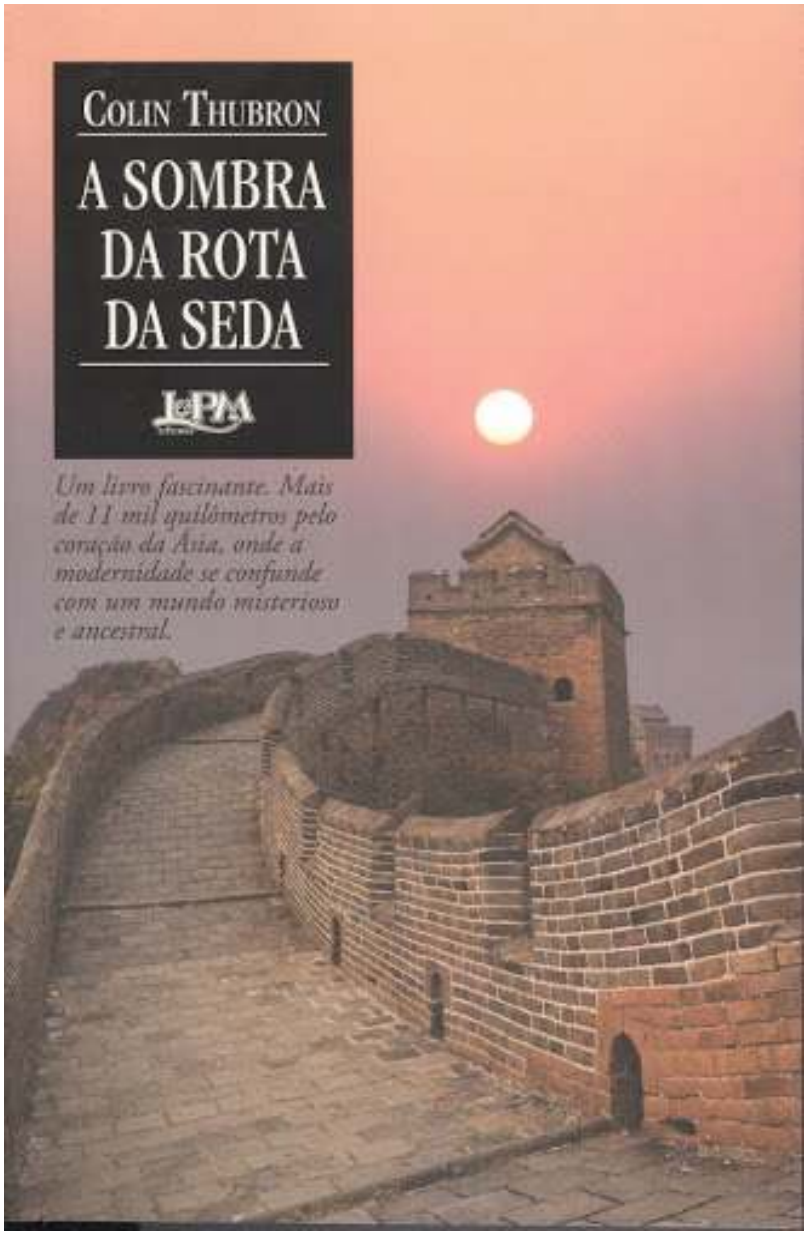


Figura 2: Capa do Livro *A Sombra da Rota da Seda*, Thubron, 2017.
Fonte: THUBRON, Colin. A sombra da rota da seda. 1° ed. Editora: L&PM, 2017.

Alguns fragmentos de suas narrativas são paisagens que se constituem em fonte de conhecimento sobre as dimensões ilimitadas da subjetividade inerente ao mundo vivido. A cada página nos encontramos diante de novas experiências relacionadas às paisagens geográficas ao longo da Rota da Seda por ele percorrida, que nos trazem a revelação de um universo de novas percepções. Acompanhemos a percepção e a narrativa desse escritor-viajante pela Rota:

> Durante mais da metade do ano, o céu sobre a cidade de Krothan ficava opaco, coberto por um denso véu de areia fina, e o sol aparecendo apenas como uma moeda baça. Das montanhas de Kun Lun, invisíveis no horizonte, os rios gêmeos Jade Negro e Branco descem serpenteando do nevoeiro entre suas margens de lama e pedregulhos, fluindo pelo oásis até o deserto. (Thubron, 2017, p. 153-154).

Sobre o seu suposto achado do jade, diz:

> Em seguida, [...] na parte rasa meus dedos encontraram uma pedrinha mais lisa... com seu brilho verde-musgo ela tinha uma textura meio oleosa como a da nefrita. Guardei-a no meu bolso, orgulhoso. [...] Meu exemplar lembrava a chave ou um talismã. Eu estava com a China no meu bolso. Nenhuma outra pedra jamais fascinou tanto um povo como o jade. (Thubron, 2017, p. 155).
>
> Desci o rio um pouco para examinar meu fragmento a sós. No entanto, logo que abri a mão, encontrei apenas um pedaço bruto de gnaisse comum. Revirei os outros bolsos, tomado por uma crescente decepção. Nada mais havia. Eu não iria mais voar, nem ser imortal. Como todas as outras, era uma pedra comum. (Thubron, 2017, p. 156).
>
> Kashgar fica onde os mapas nas mentes das pessoas se dissolvem. As trilhas sul e norte da Rota da Seda convergem aqui, e o deserto termina aos pés das montanhas. Quinze séculos atrás, em sua era budista, seus habitantes eram famosos por serem temidos e impetuosos, e a cidade com o tempo se firmou como a maior do Islã. Na Europa, o lugar mal era conhecido até o século XIX. [...] conforme a Rússia czarista avançava [...], Kashgar se tornou um posto de escuta no Grande Jogo de espionagem disputado entre os impérios russo e britânico. [...] Contudo o jogo agora acontecia na China. O plácido território da cidade uigure é cortado pelas estradas chinesas como se fossem facas. (Thubron, 2017, p. 168).
>
> Um riacho gelado gorgolejava ao nosso lado. As montanhas eram cobertas por uma grama amarelada, com dobras intocadas pela rocha, e desciam em longos dedos até o vale. Rebanhos misturados de iaques e vacas pastavam e pôneis lustrosos galopavam pelo vale. Asfalto, postes de telefone e até o vento tinham ficado para trás. (Thubron, 2017, p. 184).
>
> As habitações dos quirquizes eram apenas tendas nômades instaladas em pastos nas encostas, de onde pairava uma fumaça azulada. (Thubron, 2017, p. 185).
>
> Em seguida, o caravançará Tash Rabat surgiu imenso na encosta do vale. O lugar é de pedras escuras, com torres arredondadas. Ninguém sabe ao certo sua idade, mas a construção fica em um lugar com milhares de anos de história. (Thubron, 2017, p. 185).
>
> Após passar pelo portão alto do caravançará, atravessei sozinho um corredor de pedras irregulares com teto abaulado até chegar à sala central. [...] Caminhei sob a penumbra por outras passagens, sentindo as paredes viscosas com a mão, e entrei nos quartos com tetos arredondados como colmeias. [...] mais adiante estendiam-se salas longas sobre plataformas [...] Nada quebrava aquele silêncio contido. Eu podia sentir meu coração acelerado pela altitude elevada. ...cavalos e camelos asiáticos cochilavam enfileirados, enquanto os mercadores dormiam no alto de pilhas de mercadorias, encolhidos sobre o fedor quente dos animais. Homens vindos do oeste sofriam com a altitude. (Thubron, 2017, p. 185).
>
> Como uma antiga cidade da Rota da Seda, refinada e religiosa, um reduto do mercado negro no período soviético, Margilan tinha uma encantadora sonolência. Entrei em mesquitas tranquilas e casas de chá vazias. Nas ruas, à minha volta, as mulheres pareciam mais exuberantes que em outros lugares. Elas usavam reluzentes sedas violeta, com bordas douradas e calças também de seda sob vestidos até os calcanhares. Elas inundavam as calçadas como fragmentos de arco-íris. (Thubron, 2017, p. 221).
>
> A seda estava por toda parte. Margilan tinha sido a capital da seda na União Soviética, e as fábricas ainda produziam milhões de metros a cada ano tingidos com corantes baratos. No entanto, métodos de produção mais tradicionais ainda existiam. Visitei um ateliê [...] os artesãos extraíam as tintas vermelhas da casca das romãs, as amarelas de cebolas e as marrons de nozes. [...] Essa técnica de pintura era tradicional no vale, sendo passada de geração em geração, com um simbolismo agora perdido. (Thubron, 2017, p. 222).
>
> Doze anos atrás [...] estive no platô irregular de Samarcanda e vi um mar de telhados bege e domos turquesa – essa imagem, entre as montanhas cobertas pela neve da primavera, ficou gravada na minha mente. (Thubron, 2017, p. 228).

> No entanto, pouco a pouco, essa cidade nítida por um instante na minha memória some e se transforma no que é hoje, até eu não saber mais se essa imagem de fato existiu. [...]. Tudo parece ser muito maior do que nas minhas memórias. Nos modernos subúrbios prédios enormes foram construídos – faculdades e institutos – ao lado dos circunspectos blocos soviéticos de que eu me lembrava. Inquieto tento entender do que me esqueci e o que apenas imaginei. (Thubron, 2017, p. 229).
>
> Em Samarcanda, Tamerlão construiu uma capital para sua própria glória [...]. Perto do centro da cidade, a megalomania de Tamerlão chegou ao máximo com a mesquita de Bibi Khanun: um monumento a Deus e a ele mesmo. (Thubron, 2017, p. 232).
>
> Atravessando o deserto de vegetação rala e um mundo de barro, pátios de vilarejos e campos com muros onde pequenos dromedários pastavam [...] cascos de tanques russos se espalhavam pelo caminho como répteis mortos: baixas do ataque talibã de 1998. [...] Passamos por muralhas [...] em uma terra tomada pela repentina exuberância de palmeiras e pomares de damasco. (Thubron, 2017, p. 269).
>
> No começo, quando se é jovem, todo lugar parece ser mais pobre do que algum outro mais adiante, que você ainda não conhece. Esses novos lugares são extraordinários, lindos, então você segue em frente, talvez durante muitos anos. (Thubron, 2017, p. 386).

Esses fragmentos presentificam um trabalho de criação literária no qual a representação constituiu uma experiência de Thubron com a realidade. Essa experiência que se tornou discursiva, para Westphal (2007, p. 142), "*est créatrice de monde ('géo-poiétique')*".

Como autor especialista em viagens, Colin Thubron, em sua narrativa, apresenta conhecimentos, como no caso da importância e o simbolismo do jade; revela que tenta entender as culturas locais dos países ao longo da Rota da Seda partindo da visibilidade externa à interna, ou seja, com o olhar de quem está fora daquela realidade cultural embora fale a língua local. Thubron busca ter um relato de fatos sem a exposição de "preconceitos" e julgamentos. Esse aspecto é similar ao método de observação a que Walter Benjamin (1990) recorre para escrever *O diário de Moscou* (1927) e possui certa semelhança com o pensamento de Machado e Pageaux sobre a narrativa de viagem, mais especificamente, sobre como se dá a relação do estrangeiro com a terra visitada.

Outeirinho (2015) salienta que a literatura de viagem tem os aportes da geocrítica, de uma geografia literária ou mesmo de uma geopoética para abordá-la. A geopoética "*désigne à la fois une pratique poétique qui met l'accent sur le lien entre le rapport au monde et la création poétique, et l'étude des formes littéraires dans leur rapport avec un imaginaire de l'espace*" (Collot, 2014, p. 104). Ou seja, traduzindo, "simultaneamente uma prática poética que enfatiza a ligação entre a relação ao mundo e a criação poética e os estudos das formas literárias na sua relação com um imaginário do espaço".

Ela ergue-se sobre a relação da literatura com o espaço, como pilar fundamental, e sobre o espaço na relação com o imaginário, o espaço vivido, representações herdadas ou construídas pelo eu-viajante. Ora, os contributos conceptuais e críticos da geocrítica apostam precisamente na complexidade das relações diferenciais entre espaços literários e espaços reais, convocando dinâmicas que dizem respeito à fronteira, ao hibridismo, aos interstícios.

Já em uma publicação de 2011, Collot (2011, p. 2) observava que as pesquisas que se multiplicam sobre um gênero como narrativas de viagens "*implicam em uma reavaliação das relações entre literatura e geografia*".

Fim da viagem

Nós, geógrafos humanistas culturalistas, assumimos a Literatura como um subsídio valioso e criativo para a leitura e o entendimento da dinâmica das paisagens geográficas, das inter-relações do Homem com a Natureza.

A literatura de viagem oferece, muitas vezes, uma leitura rica e importante para o conhecimento geográfico, pois muitos escritores, ao construírem seus mundos fictícios, mostraram os reflexos do envolvimento das sociedades com seus espaços, lugares e paisagens com extraordinária sensibilidade. Além disso, eles enriquecem novos campos para os leitores, pois exercitam as realidades existentes nas fronteiras de imaginação.

Ao descortinarem reminiscências espaciotemporais, esses escritores de viagens revelam diferentes cosmologias, ideologias, percepções das estruturas sociais, culturais, econômicas dos territórios e das paisagens no contexto de suas obras e invisibilizados nos textos geográficos. Desse modo, logram despertar em seus leitores, nos lembra Ferreira (s.d.), "*emoções e sensações, ao evocarem imagens que combinam ressonâncias líricas à percepção da realidade geográfica dos espaços vividos*".

Cabe ressaltar uma outra faceta desse gênero de literatura, que diz respeito à sua contribuição para a construção, difusão e mesmo a "naturalização" de algumas representações sociais e geográficas. De fato, a literatura tem, efetivamente, uma dimensão performática. Ela desempenha um papel fundamental na constituição das geografias imaginárias e nas geografias que nos revelam os narradores de viagens.

O escritor de viagens, como Thubron, tem particular atenção à linguagem e ao mundo, podendo restituir em que consiste a espacialidade em sua riqueza e sua complexidade. Dessa maneira, evita a abstração e distingue a literatura sobre a escrita ordinária e a escrita científica. Sua atenção ao mundo, assumindo-o na prática de um lugar, no reencontro efetivo de uma pessoa ou de um lugar, mostra como se experiencia o espaço.

Para finalizar, convém ainda relembrar que Thubron, em *A sombra da Rota da Seda,* não faz uma representação restituindo mais ou menos a realidade daquela Rota, mas constituindo um "dispositivo", nas palavras de Rosemberg (2016), que contempla um pensamento sobre o mundo. O título do livro já nos deu uma pista a esse respeito, visto que oferece essa leitura ambígua contida na palavra "sombra": ou seja, não ser exatamente a Rota que narra e ao insinuar que escreveu à sombra, espelhando-se na Rota. Qualquer que seja o sentido, ambos desvelam paisagens e territórios para além da geografia ordinária.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, n. 2, p. 103-114, 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda. A poética sertaneja do Patativa do Assaré. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia cultural**: um modo de ver. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. p. 241-267.

BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. Buenos Aires: Taurus, 1990.

BROSSEAU, Marc; CAMBRON, Micheline. Entre géographie et littérature: frontières et perspectives dialogiques. **Recherches Sociographiques**, v. XLIV, n. 3, p. 525-547, 2003.

BROSSEAU, Marc. It isn't the place that does the writing: lieux et écriture chez Bukowski. **Géographie et Cultures,** n. 44, 2002.

BROSSEAU, Marc. Postaface. *In*: DUPUY, Lionel; PUYO, Jean-Yves (Dir.). **L'imaginaire géographique:** entre géographie, langue et littérature. Pau: Presse de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour 2014, p. 417-420. (Collection «Spatialités»).

COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire. **Fabula-LhT,** n. 8, maio 2011. Disponível em: < https://www.fabula.org/lht/8/collot.html > Acesso em: 21/04/2015.

COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Paris: Éditions Corti, 2014.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural**: uma ontologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da literatura de viagens. *In*: CRISTÓVÃO, Fernando (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens:** estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

DUPUY, Lionel; PUYO, Jean-Yves. Introduction générale. *In*: DUPUY, Lionel; PUYO, Jean-Yves (Dir.). **L'imaginaire géographique**: entre géographie, langue et littérature. Presse de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2014, p. 21-28. (Collection "Spatialités").

FERREIRA, Solange T. de Lima. **Geografia e literatura**: percepção do espaço vivido. [S.l.: s.n.: s.d.]. Disponível em: < http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/tegal1/Teoriaymetodo/Conceptuales/GEOGRAFIAELITERATURA.pdf > Acesso em: 26/03/2020.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural, "antropofagia" identitária e transterritorialidade. *In*: BERTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (Org.). **Visões do Brasil:** estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA, 2012.

MACHADO, Álvaro Manue; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura.** Lisboa: Edições 70, 1988.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima. Les apports réflexifs d'une géographie littéraire pour la littérature de Voyage. **Caderno de Literatura Comparada**, v. 12, n. 33, p. 149-159, 2015.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Recherches sur l'imagologie: de l'histoire culturelle à la poétique**. Revista de Filología Francesa,** v. 8, Madrid: Servicio de Publicaciones Universidad Complutense, p. 135-159, 1995.

RAFFESTIN, Claude**. Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Marcel Lucio Matias. O gênero narrativa de viagem na literatura ocidental. *In*: Encontro De Estudos Multidisciplinares de Cultura, 13., 207, Salvador, BA. **Anais.**.. Salvador, BA, 2017.

ROSEMBERG, Muriel. La spatialité littéraire au prisme de la géographie. **L'Espace Géographique,** tome 45, v. 4, 2016, p. 289-294. Disponível em: < https://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2016-4-page-289.htm# > Acesso em: 2 mar. 2020.

SANCHES NETO, Miguel (Org.). **Contos para ler em viagem**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

THUBRON, Colin. **A sombra da Rota da Seda.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

VARA, Muñoz J. L. Análisis de textos en Geografía de la percepción: estado de la cuestión y bases conceptuales**. *Baetica:*** Estudios de Arte, Geografía e Historia, Universidad de Málaga, n. 32, p. 127-146, 2010.

WESTPHAL, Bertrand. Pourquoi une géocritique de Lisbonne? *In*: MONTANDON, Alain (Dir.). **Lisbonne:** géocritique d'une ville. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2006. p. 7-20.

WESTPHAL, Bertrand**. La Géocritique**: réel, fiction, espace. Paris: Editions de Minuit, 2007.